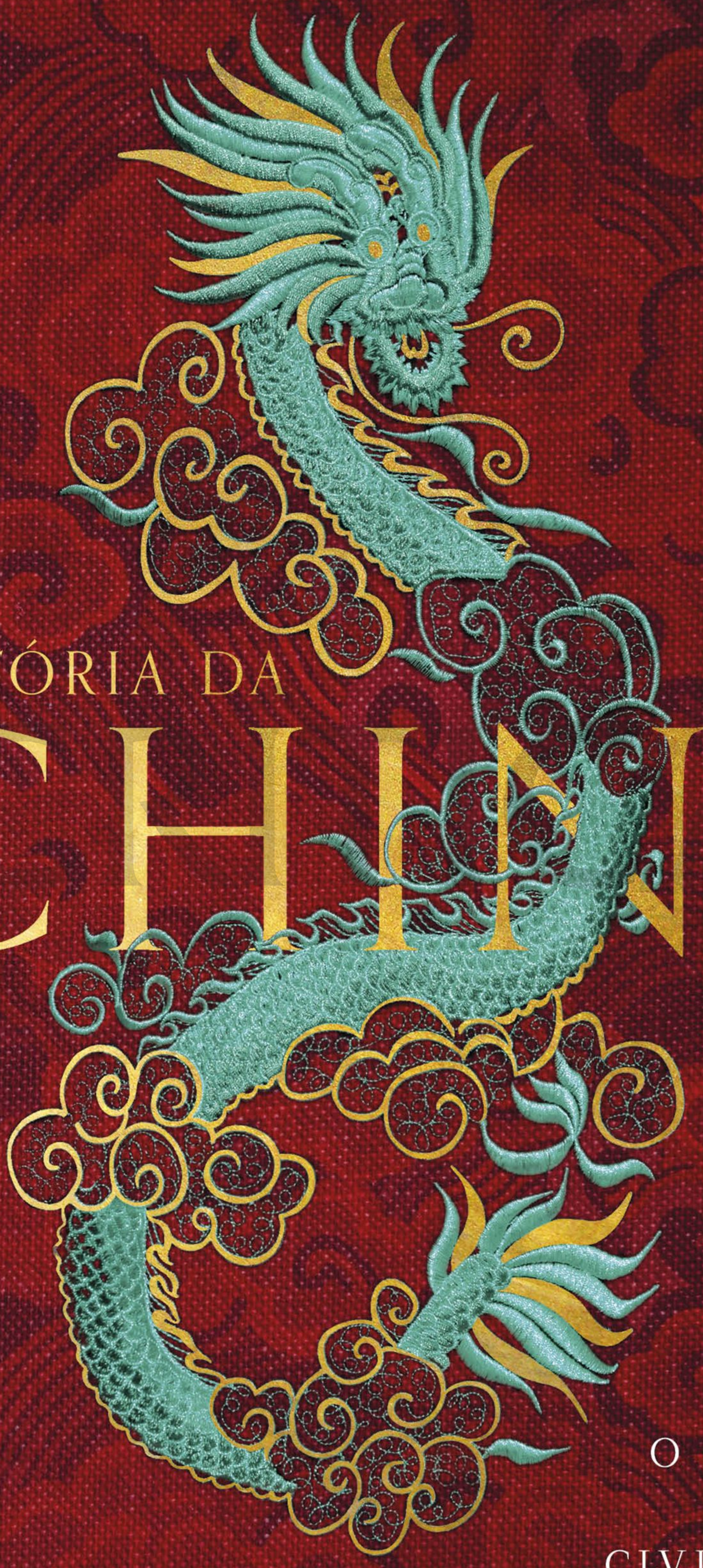


MICHAEL WOOD



HISTÓRIA DA
CHINA

CRÍTICA

O RETRATO
DE UMA
CIVILIZAÇÃO
E DE SEU POVO

MICHAEL WOOD

HISTÓRIA DA
CHINA

O RETRATO DE UMA CIVILIZAÇÃO
E DE SEU POVO

Tradução

Jennifer Koppe e Carolina Pompeo

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

CRÍTICA

First published in Great Britain by Simon & Schuster UK Ltd, 2020

Copyright © Michael Wood, 2020

The right of Michael Wood to be identified as the author of this work has been asserted in accordance with the Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Jennifer Koppe

Copyright da tradução © Carolina Pompeo

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Story of China: A Portrait of a Civilisation and its People*

Preparação: *Karina Barbosa dos Santos*

Revisão: *Eliana Rocha, Carmen Costa e Ana Barbosa*

Diagramação: *A2*

Capa: *Craig Fraser, S&S Art Dept.*

Adaptação de capa: *Beatriz Borges*

Imagens de capa: *dragão (frente) © Luis Castaneda Inc./ Getty Images; dragão (trás)*

© makenoodle/ Getty Images; padrão © Gift of Cowtan & Tout, Inc./ Bridgeman Images

INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Wood, Michael

História da China: o retrato de uma civilização e de seu povo/ Michael Wood; tradução de Jennifer Koppe e Carolina Pompeo. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
624 p.

ISBN 978-65-5535-829-2

Título original: *The Story of China: A Portrait of a Civilisation and its People*

1. China – História 2. China – Civilização I. Título II. Koppe, Jennifer III. Pompeo, Carolina

22-2895

CDD 951

Índice para catálogo sistemático:

1. China – História

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
PRÓLOGO: PEQUIM, DEZEMBRO DE 1899.....	15
1. RAÍZES	27
2. A GRANDE GUERRA DE SHANG	55
3. O MANDATO DO CÉU	69
4. O PRIMEIRO IMPERADOR E A UNIFICAÇÃO DA CHINA	85
5. O IMPÉRIO HAN	109
6. A GLÓRIA DO IMPÉRIO TANG	139
7. DECLÍNIO E QUEDA	165
8. AS CINCO DINASTIAS	183
9. O RENASCIMENTO DA DINASTIA SONG	197
10. A QUEDA DA DINASTIA SONG DO NORTE	215
11. A DINASTIA SONG DO SUL (1127–1279).....	237
12. YUAN: A CHINA SOB O IMPÉRIO MONGOL	257
13. A DINASTIA MING	285
14. OS ÚLTIMOS DIAS DA DINASTIA MING	315
15. O GRANDE QING: O LONGO SÉCULO XVIII	351

16. AS GUERRAS DO ÓPIO E O TAIPING.....	387
17. A GRANDE REVOLUÇÃO CHINESA (1850-1950).....	425
18. A ERA DA REFORMA: DA REPÚBLICA A MAO.....	463
19. A ASCENSÃO DA NOVA CHINA.....	501
POSFÁCIO.....	543
AGRADECIMENTOS.....	549
NOTAS.....	551
BIBLIOGRAFIA.....	583
ÍNDICE REMISSIVO.....	607

CRÍTICA

RAÍZES

O primeiro aspecto da história chinesa a ser levado em conta é a geografia. A China¹ de hoje é um território vasto, que se estende dos desertos de Xinjiang e do planalto tibetano até as extensões selvagens da Manchúria e do rio Yalu, na fronteira com a Coreia, passando pelas montanhas da Birmânia e pelo Vietnã. De Kashgar, no extremo oeste de Xinjiang, até a capital são 4 mil quilômetros de estrada. Na maior parte do ano, o Norte da China é frio e geralmente cinzento, enquanto o Sul é subtropical; em um se planta milho e trigo, no outro, arroz. O arroz mais antigo do mundo foi encontrado no Sul da China, em locais que datam de 8000 a.C. Diferentes em clima e natureza, essas duas grandes zonas da China são distintas também em termos de pessoas, língua e cultura há milênios.

No entanto, por mais vastas que sejam suas dimensões, a região mais importante para a história chinesa é muito menor: fica entre o mar Amarelo e as terras altas, de onde dois grandes rios descem dos planaltos de Qinghai e do Tibete. Ao norte, fica o rio Amarelo, onde as primeiras dinastias cresceram; ao sul, o vale do Yangtzé, o centro cultural rico e populoso da história posterior. Sob a dinastia Han, o período romano no Ocidente, o Estado chinês primeiro estendeu seu domínio para os oásis da Ásia Central; depois, houve ainda outro período em que Xinjiang esteve sob o império Tang no século VII. Durante a maior parte de sua história, no entanto, o coração dos dois rios foi a China. Foi apenas no século XVIII que a China assumiu as grandes proporções que conhecemos hoje, sob o gigante império multirracial dos manchus – a dinastia Qing, que expandiu seu domínio sobre a Mongólia, Xinjiang e seu protetorado tibetano.

Hoje em dia, é possível viajar de trem por toda essa região central, de norte a sul, em menos de um dia. As viagens foram transformadas por projetos fantásticos de infraestrutura, e o trem de alta velocidade percorre os 2.300 quilômetros entre Pequim e Guangzhou em apenas oito ou nove horas. Em um ritmo mais modesto, com paradas, 24 horas no trem são suficientes para cruzar a planície do rio Amarelo até Jiangnan, “a terra ao sul do rio”, retratada com tanto sentimento pelos poetas chineses. Não é apenas uma viagem pela geografia do país, mas uma viagem no tempo, que nos permite olhar pelas janelas e ver os padrões mais profundos da história, os antigos contornos da paisagem e da civilização.

As primeiras civilizações do rio Amarelo não estavam perto do mar, mas na planície central, perto de onde o rio emerge da serra. Seguindo seu curso, havia extensas planícies, córregos, riachos, pântanos e grandes lagos repletos da vida selvagem da Idade do Bronze, regiões drenadas para a agricultura apenas nos últimos séculos a.C. Assim, os primeiros centros de civilização surgiram no interior; o mar não fazia parte do imaginário da cultura chinesa primitiva.

Elevando-se no planalto Qinghai, o rio Amarelo forma um enorme arco da região Norte até a Mongólia, passando pelas terras áridas do planalto de Loess, na região de Ordos, a chamada “terra amarela” de lodo erodido pelo vento, que influencia o clima da China, assim como o Saara no Mediterrâneo. Em seguida, fazendo uma curva acentuada para o sul, sai das montanhas com uma força geralmente incontrolável, descendo rapidamente até confluir com o rio Wei e encontrar as planícies. Lá, o rio Amarelo entra na “Terra do Meio”, região onde mudou seu curso pelo menos trinta vezes no período histórico, expandindo suas margens em enchentes violentas mais de mil vezes, deslocando sua foz no Mar Amarelo em até quinhentos quilômetros, de modo que, incrivelmente, sua foz às vezes ficava ao norte e às vezes ao sul da península de Shandong.

O rio Amarelo é, portanto, um personagem constante, imprevisível e muitas vezes assustador na história da China, em nada semelhante ao Nilo egípcio, cuja cheia era celebrada a cada ano com previsibilidade infalível em 15 de agosto, ou como o Tigre na Mesopotâmia, cuja cheia no verão foi saudada no século XX com liturgias e oferendas de alimentos, mesmo em residências muçulmanas. O rio Amarelo também foi objeto de cerimônias religiosas: na Idade do Bronze, sacrifícios e rituais eram dedicados

ao “poder do rio Amarelo”,² ao “grande rio ancestral”. Mas essas cerimônias eram realizadas por medo, para apaziguar e acalmar, e não para celebrar o rio; “Não haverá inundação nessa temporada?”,³ perguntavam os reis, ansiosos, aos seus oráculos de ossos.⁴ Vestígios do culto ao Deus do rio sobrevivem até hoje, por exemplo, na antiga vila de Chayu, perto de Heyang, ao lado da cidade natal do grande historiador Sima Qian, onde todos os anos, no fim do verão, no décimo quinto dia do sexto mês lunar, ainda são realizadas cerimônias para as cheias. Ao som de gongos e tambores, os homens dançam com cocares de tigre, e as mulheres fazem enormes pães cozidos no vapor e preparam oferendas para os deuses do rio, soltando lanternas flutuantes sobre os pântanos escuros do rio ao anoitecer. Hoje, essas cerimônias divertem os turistas chineses, mas no passado eram como uma “oração por segurança”, oferecida por fazendeiros e barqueiros na esperança de evitar a perda de vidas e dos meios de subsistência em inundações devastadoras. Acredita-se que os rituais existam “desde tempos imemoriais, além do que qualquer ancião possa se lembrar”.

Algumas inundações do rio Amarelo foram tão devastadoras que mudaram o curso da história chinesa. Em 1048, como veremos adiante, uma enchente gigantesca⁵ alterou profundamente a topografia da planície do Norte, enquanto a catástrofe de 1099-1102 viu “cadáveres amontoados aos milhões”, de acordo com um administrador local horrorizado, que não viu “nenhum sinal de vida humana por mais de mil li”.^{*} Sete milhões de pessoas morreram na enchente de 1332, antecipando a desordem que acelerou a queda da dinastia mongol; houve 2 milhões de mortos em 1887, talvez mais do que isso em 1931. Até meados do século XX, o rio Amarelo permaneceu um assassino imprevisível, que deixou marcas de sua passagem por toda parte. A zona rural de Zhengzhou é marcada por cursos antigos do rio e, embora o leito do rio Amarelo ainda hoje chegue a cinco quilômetros de largura em alguns trechos, ele tem apenas um décimo da força e do volume que tinha antes de 1940. De fato, nos últimos quarenta anos, abaixo de Zhengzhou, o rio teve mais secas do que cheias. Desde a Idade do Bronze, a água esteve presente na governança chinesa, embora atualmente o problema não seja mais seu excesso incontrollável, mas sim sua escassez.

* Unidade de medida de distância (1 li equivale a cerca de 576 metros). [N. T.]

Sendo assim, as primeiras civilizações da China cresceram às margens do rio na planície central, onde o medo de que a sociedade fosse devastada por desastres naturais esteve sempre presente, e a irrigação só poderia ser administrada por um Estado forte. Não é de surpreender, então, que os primeiros mitos chineses sobre as origens do Estado convirjam com as histórias sobre o controle da água, contos que se concentram no rei mítico Grande Yu, “o domador do dilúvio”. Como veremos, essas histórias talvez tenham sido transmitidas oralmente antes da idade da escrita no final da Idade do Bronze, antes de 1200 a.C., uma prova da incrível tenacidade da memória cultural da China, que remonta à cultura Longshan do terceiro milênio a.C. Importantes descobertas arqueológicas no século XXI sugerem que esses mitos comemoram eventos que ainda estão inscritos na paisagem e que mostram como a natureza foi determinante para o poder político. A capacidade dos reis de organizar o trabalho, de construir diques para conter a água, de supervisionar a irrigação, de olhar para os céus em busca de padrões meteorológicos e climáticos e de buscar a validação dos grandes ancestrais era fundamental. Esse seria o padrão até o fim do império em 1911 e, na verdade, além.

As raízes da civilização chinesa

Havia muitas culturas regionais distintas na China na pré-história, mas a mais importante nasceu nos extensos campos de trigo de Henan, a planície central, o *zhongyuan*, do posterior Reino Médio. O nome chinês para a região, *Zhongguo*,⁶ foi registrado pela primeira vez pelos Zhou ocidentais por volta de 1000 a.C. e descrevia essa planície central muito antes de ela passar a representar toda a nação e, com o tempo, até mesmo um mundo centrado na China. Na verdade, é possível, como veremos, que o nome tenha sido usado originalmente para um lugar específico. A China tem muitas culturas e muitas narrativas, mas há uma grande narrativa, na qual a história chinesa, tal qual é moldada, estruturada e transmitida pelos primeiros historiadores, realmente começa.

Hoje uma megacidade emergente com mais de 10 milhões de habitantes, Zhengzhou fica ao sul do rio Amarelo, sob uma névoa marrom de poluição. Cortada por grandes rodovias, a cidade é dividida pelos paredões

de arranha-céus vazios que fazem fronteira com as zonas industriais de alta tecnologia, cheias de fábricas de eletrônicos e de veículos; é lá que fica a maior fábrica de smartphones do mundo, a iPhone City. Há também siderúrgicas envoltas em fumaça e minas de carvão. Mas, ao longo da via expressa, há um enorme trecho de paredes maciças feitas de barro socado, lembrando o papel da cidade como uma das capitais da Idade do Bronze durante a dinastia Shang, três milênios e meio atrás. Em termos de história e arqueologia, Zhengzhou agora se apresenta aos turistas como a primeira das capitais históricas da China, a mais importante de um “grupo de capitais históricas” locais, que inclui oito regiões históricas vizinhas, as quais fazem parte de um grupo maior de cidades da planície central, tornando cada vez mais antiga a narrativa nacional.

Para entender esse passado profundo, é preciso percorrer caminhos alternativos. Depois de uma hora de carro ao longo de estradas suburbanas, o viajante adentra um novo mundo, com longas estradas rurais retas entre campos amarelos e vilas a cada oitocentos metros. Até a década de 1980, esses locais cercados de paredes de terra costumavam abrigar famílias extensas em edifícios comunitários de tijolos de barro e cobertura de telhas. Ainda hoje, entre os silos, tanques de água e armazéns do agronegócio, é possível encontrar vilas de clãs onde as pessoas ainda plantam à mão, seguindo a velha rotina, colocando mudas de milho entre as fileiras de trigo para que tenham duas semanas de crescimento antes que o trigo seja recolhido. No limite dos campos, há santuários antigos com longos mastros de bambu; é um mundo que ainda valoriza a religiosidade. Por enquanto, esses mundos ainda coexistem, sobretudo na mente da geração mais velha de chineses, para quem a memória ainda remonta a um período anterior à revolução de 1949 e à breve e violenta ruptura da Revolução Cultural do fim da década de 1960 e início da de 1970.

Duzentos quilômetros ao sul, na planície central, no lago de Huaiyang nas proximidades de Zhoukou, uma multidão se reúne para um festival.⁷ Um milhão de pessoas, agricultores comuns do interior de Henan, encontram-se em um complexo de templos à beira do lago para celebrar o culto às divindades primordiais da China, Fuxi e Nüwa. Como o viajante verá por toda parte hoje em dia, esses cultos locais são parte de um renascimento dramático da religião na China: hoje, considera-se que 300 milhões ou 400 milhões de chineses sejam praticantes das principais religiões (budismo,

cristianismo e islamismo), e muitos mais do taoísmo e de cultos populares. O complexo de templos à beira do lago de Huaiyang é um dos mais antigos do país e já era importante no período das Primaveras e Outonos (700 a.C.). A divindade principal, Fuxi, é do sexo masculino, mas por mais de dois milênios foi associado a uma deusa primitiva, Nüwa. Há mil anos, na dinastia Song, o casal tornou-se objeto de um ritual imperial, que se renovou com as construções atuais da dinastia Ming e se prolongou até o fim do império, no início do século XX. Aqui, os imperadores adoravam não apenas os próprios ancestrais, mas também os reis míticos e os heróis da cultura chinesa: o Imperador Amarelo, os Cinco Imperadores e o “primeiro fazendeiro” Shennong, o “Divino Camponês” que ensinou ao povo a agricultura e que até hoje é reverenciado como uma divindade na religião popular. Aqui também está um santuário para o lendário rei Yu, o Grande, o primeiro a canalizar e controlar as enchentes do rio Amarelo e que lançou as bases do primeiro Estado chinês. Mas, por trás de todos eles, estão Fuxi e Nüwa, os criadores dos primeiros seres humanos.

O culto popular à beira do lago de Huaiyang sobreviveu entre os camponeses até a década de 1950, quando as feiras nos templos ainda eram grandes eventos, ocasiões para comprar e vender, dançar e cantar, celebrar o início da primavera no segundo mês lunar. Então, as feiras foram suspensas e os templos foram fechados durante a Revolução Cultural, as estátuas de culto foram destruídas e os templos vandalizados ou transformados em oficinas e fábricas. Em 1980, no entanto, a prática religiosa voltou a ser permitida pelo Partido Comunista e, durante os anos 1980, sob a política de “Reforma e abertura” de Deng Xiaoping, as feiras seculares foram novamente autorizadas, em parte para estimular as economias locais. No início, o renascimento religioso veio acompanhado de um alto grau de espontaneidade popular, e as feiras se tornaram novamente locais de espetáculos, música e dança, contação de histórias, apresentações de acrobacias e malabarismo e artesanato, bem como de jogos de azar e de adivinhação. Logo a religião popular renasceu e os templos se tornaram sagrados novamente, seus altares e estátuas foram restaurados à medida que essas grandes feiras ultrapassavam os limites daquilo que o governo estava disposto a permitir após o ataque devastador de Mao aos “antigos costumes, cultura, hábitos e ideias”.

Hoje, o “Festival de Agricultores” é um dos maiores eventos dessa região de Henan. Na cidade existem grandes hotéis para peregrinos, com

seus átrios decorados com murais que mostram as divindades e as histórias sagradas. A recepção no saguão de mármore saúda os turistas com kits de boas-vindas que contêm guloseimas, um mapa, crachás, folhetos e notas sobre os rituais, com orientações para os visitantes. Tudo isso faz parte da retomada dos costumes tradicionais na China, à medida que as pessoas redescobrem suas raízes. Ao lado do lago de Huaiyang, o complexo de templos é um enorme retângulo em cujo centro estão os santuários de Fuxi e Nüwa. Fuxi é uma poderosa divindade que “estabeleceu as leis da humanidade” nos primeiros dias da existência humana, quando, como diz um texto da dinastia Han, o *Bai Hu Tong*,⁸ “não havia ordem moral ou social”. Ele é o primeiro entre os lendários antepassados de “Huaxia”, a cultura chinesa. As duas divindades são retratadas em estelas da dinastia Han com rostos humanos e longas caudas de cobra entrelaçadas. Atrás do saguão do templo principal fica o local do lendário túmulo de Fuxi, onde, na época do festival, multidões frenéticas e com boas intenções jogam incensos em uma enorme fogueira em sua homenagem.

Por sua influência no casamento, no nascimento e na prosperidade, no entanto, a veneração da deusa Nüwa⁹ é o ritual mais importante da peregrinação. Ela tem seu próprio santuário, onde a imagem de culto mostra a deusa segurando um pedaço de pedra com o qual consertará o pilar quebrado do céu. No outro braço, ela segura um bebê, o primeiro ser humano, que ela criou misturando seu próprio sangue com o barro do rio Amarelo. Em frente ao seu templo, uma pedra sagrada é tocada por mulheres que desejam ter filhos – parte de um mito que se encontra em várias partes do mundo.

Alguns dos grupos de mulheres na multidão percorreram mais de trinta quilômetros de distância até o santuário da cidade de Nüwa,¹⁰ cujo templo recém-construído atrai 100 mil pessoas diariamente durante o festival, quando as estradas rurais ficam bloqueadas por multidões e tratores enfeitados com fitas. A feira de Nüwa acontece no local que os peregrinos dizem ter sido originalmente uma aldeia de mulheres. Lá, os seguidores radicais da deusa podem ser vistos dançando em transe enquanto Nüwa assume o controle dos seus espíritos e eles cantam “Céu e Terra e a deusa e suas filhas”, falando em línguas em seu nome, dando voz aos seus pensamentos – “dançando e gemendo, rindo e chorando, fazendo movimentos selvagens às vezes por horas a fio”. Em Zhoukou, também, a prioridade é dos

grupos de mulheres que dançam ao som de tambores e flautas, com trajes coloridos feitos especialmente por cada associação local. As mais reverenciadas são as mais velhas, que usam jaquetas pretas, cantam e dançam com uma vara de transporte sobre os ombros, da qual pendem cestos de flores. De acordo com essas mulheres, a dança foi ensinada às suas ancestrais pela própria Nüwa e apenas mulheres a conhecem e a executam. Outra dança, chamada “A cobra troca de pele”, tem movimentos sinuosos em homenagem ao símbolo de Nüwa, tal qual as deusas-cobras na religião indiana arcaica (talvez uma dica de sua origem primitiva).

Suas assombrosas canções sobre a criação são estranhamente parecidas com as cosmogonias dos gregos antigos:

Lembre-se de quando o mundo começou e tudo era caos
Não havia céu, não havia terra, não havia seres humanos.
Então o deus do céu criou o sol, a lua e as estrelas
O deus da terra criou os grãos e a grama
E com o céu e a terra separados, o caos cessou.
Então o irmão e a irmã surgiram,
Fuxi e Nüwa, os ancestrais dos seres humanos...
Eles deram à luz centenas de crianças
Essa é a nossa origem – os cem primeiros
As pessoas do mundo
Então, as pessoas no mundo podem parecer diferentes
Mas todos pertencemos a uma só família.

Ao redor do lago, nas ruas da cidade, os peregrinos circulam pelas barracas de comida ao ar livre, que servem almôndegas e ovos assados em cinzas de incenso – alimento sagrado que, acredita-se, tem poder curativo. Eles trazem consigo pequenos sacos de terra de suas aldeias natais, os quais espalham diante da tumba e, em troca, recolhem uma pequena quantidade de terra do local para abençoar suas aldeias. Nas barracas de suvenires, imagens de cerâmica esmaltada das divindades estão à venda em meio a cestos com cachorros e galinhas de barro pintados de preto, vermelho e amarelo, uma lembrança da história segundo a qual, depois de fazer os humanos, Nüwa usou o resto do barro para fazer esses dois animais. E, quanto à própria deusa, “ela é nossa mãe”, dizem as mulheres:

“Nós, os Han, somos todos da mesma família, então este é o lugar ancestral do povo chinês”.

Na China de hoje, a história em todas as suas manifestações – seja a “gloriosa” história recente do “sonho chinês” do Partido Comunista, abordada nos currículos escolares como “Estudos Nacionais”, seja a cultura profundamente enraizada e duradoura do interior rural – está sendo retomada. Santuários como esse estão sendo restaurados em toda a China, seus rituais reconstituídos pela geração mais velha, para quem os trinta anos de maoísmo acabaram sendo, afinal, apenas um pequeno espaço de tempo na história chinesa.

À primeira vista, esses festivais podem parecer meros espetáculos patrocinados por agências de turismo. Em Zhoukou, o site do templo fala sobre a peregrinação como uma manifestação de “identidade cultural e coesão nacional”, coisas que o governo chinês deseja enfatizar atualmente. De fato, cerimônias especiais para as elites atuais são uma invenção recente, adaptações de práticas ritualísticas de manuais anteriores a 1911: eventos noturnos privados para os figurões locais, conduzidos por um líder de oração, que guia os movimentos e gestos de devotos enfileirados, envoltos em faixas de seda amarela, cada um segurando uma lanterna bruxuleante. Mas os rituais das pessoas comuns são outra coisa. A partir das memórias da geração mais velha, eles são retomados de forma quase idêntica, ao passo que as pessoas tentam preencher o vazio deixado durante o período em que a religião foi menosprezada e desmantelada, primeiro sob a República, depois sob Mao, e buscam uma dimensão espiritual para a vida em uma época em que o materialismo já consumiu tudo. Depois de todos os choques e mudanças em massa dos últimos oitenta anos, essas histórias e mitos, “velhas ideias, costumes e crenças”, são novamente parte da cultura; não como eram antes, é verdade, pois a ruptura foi traumática, mas ainda assim reais e em evolução – novas, mas ainda as mesmas. Uma metáfora talvez para toda a história da sobrevivência da cultura tradicional chinesa no século XX.

Na pré-história, havia muitas culturas diferentes no território da atual China, e muitas línguas diferentes, sem contar a ainda fundamental divisão étnica e linguística entre o Norte e o Sul. Mas, para além dessas divisões, algumas práticas e conceitos ainda são profundamente compartilhados – crenças sobre ancestrais e o patriarcado, civilidade e conformidade, o

coletivo sobre o individual, família e religiosidade. Eles remontam a um passado distante, tanto quanto os registros existentes nos permitem ir. Então, como a China, ao contrário da Europa, desenvolveu esse senso de civilização unitária – com uma “cultura Han”, uma “língua Han” e uma “escrita Han”, como as pessoas dizem hoje? E como isso permaneceu, mesmo durante longos e traumáticos períodos de colapso, quando parecia que a unidade havia se perdido para sempre? Pode-se dizer que esse processo, fundamental para a identidade da China, começou com a criação de um Estado entre muitos Estados menores, em 221 a.C., sob o comando do Primeiro Imperador, Qin Shi Huangdi, hoje famoso por sua tumba gigante perto de Xi’an, guardada pelo Exército de Terracota. Mas antes do Primeiro Imperador, houve uma longa pré-história. Essa história é resumida por Gu Zuyu¹¹ (1624-1680), historiador e geógrafo da dinastia Qing, em uma brilhante peça de onomástica, uma análise filológica da antiguidade dos topônimos chineses, *Notas sobre os tratados geográficos nas histórias*. Gu viu o processo como o produto de uma guerra contínua e institucionalizada de conquista e anexação de Estados ao longo de muitos séculos. Adicionando o sistema ocidental de datas ao seu texto, a imagem da história chinesa que ele fornece é a seguinte:

No início, no tempo do rei Yu, ou seja, no início da Xia, a primeira dinastia [c. 1900 a.C.], havia 10 mil pequenos Estados. Quando o Shang foi fundado [c. 1500 a.C.], havia 3 mil, e quando o Shang caiu [1045 a.C.], ainda havia mais de mil. Mas no final da Primavera e Outono [476 a.C.], os Estados dos senhores feudais eram pouco mais de uma centena, dos quais apenas catorze eram importantes. Depois, sob o imperador Qin [221 a.C.], havia apenas um.

Gu, claro, escreveu antes da arqueologia moderna, e as novas descobertas textuais revolucionaram o nosso conhecimento sobre a história da China. Mas ele fornece um modelo para nos ajudar a imaginar de que forma a sociedade chinesa se desenvolveu desde o Neolítico até ao Primeiro Imperador, com a concentração gradual da riqueza, tecnologia, escrita e poder coercivo nas mãos de linhagens poderosas. No terceiro milênio a.C., a arqueologia moderna mostrou que havia de fato milhares de aldeias e dezenas de pequenos “Estados” espalhados ao longo dos vales dos rios da

China central, cidades de terra batida cercadas por muros, cada uma com o seu próprio governante. E é nesse período que nossa narrativa começa.

Pré-história: o início da civilização

Há seres humanos na China desde a primeira propagação do *Homo sapiens* na Ásia Oriental. No entanto, a ascensão de aldeias e o desenvolvimento de sociedades organizadas na China ocorreram relativamente tarde na história, mais tarde do que nas potências do mundo antigo ocidental, Egito e Mesopotâmia, que prosperaram em larga escala a partir do quarto milênio a.C., com uma arquitetura monumental, escrita e cidades. Também no subcontinente indiano, no vale do Indo, existiam grandes cidades já no terceiro milênio a.C., cujas origens remontam a assentamentos murados no Balochistão, desde o sétimo milênio a.C. O desenvolvimento dessas três primeiras civilizações, com um rápido crescimento populacional, foi possível graças à irrigação em larga escala, o que tornou viável, pela primeira vez na história da humanidade, a alimentação de milhares de pessoas e a criação de excedentes. Na Ásia Ocidental, isso aconteceu antes de 3000 a.C. – “no tempo em que a realeza desceu do céu pela primeira vez”, como descreve a Lista do rei Sumério.

“Civilização” é uma palavra problemática hoje em dia, por causa da conotação de “alta cultura” e da sugestão de superioridade de uma forma de sociedade sobre outra. No entanto, vale a pena ter em mente os marcadores comuns de “civilização”, tal como os antropólogos e arqueólogos definem, quais sejam: cidades, tecnologia de bronze, sistemas de escrita, grandes edifícios e templos cerimoniais, arte monumental e hierarquias sociais sancionadas por alguma forma de lei e mantidas pelo poder coercivo exercido por elites armadas.

Esses marcadores estão presentes em quase todas as primeiras civilizações em todo o mundo; apenas aos incas faltava um sistema de escrita. Mas é claro que se trata de marcadores materiais, que escondem concepções muito diferentes dos valores centrais de cada cultura. Na China, na pré-história, as condições para o crescimento eram mais precárias, e os grupos populacionais estavam muito mais dispersos do que na Ásia Ocidental e no vale do Nilo, e por isso a civilização, tanto no seu sentido material como

no cultural, desenvolveu-se mais tarde. No quarto milênio a.C., no que é conhecido como a cultura Yangshao, surgiram aldeias protegidas por grandes cercas e fossos. Mais tarde, depois de 3000 a.C., no período chamado Longshan,¹² um forte crescimento populacional resultou em um enorme número de pequenos assentamentos, muitos deles nas terras altas a oeste da planície do rio Amarelo, alguns com muros de terra batida que pareciam centros de poder locais. Por volta de 2300 a.C., grandes assentamentos murados surgiram em Shimao, uma região espetacular do período Neolítico tardio descoberta recentemente em escavações, próxima a um afluente do rio Amarelo, no limite do deserto de Ordos, a fronteira ecológica e cultural entre a China e a Ásia Interior.

Shimao foi o maior assentamento murado do seu tempo na China. Nos anos 1920 e 1930, o local tornou-se conhecido como fonte de jades esculpidos pré-históricos e raros (alguns dos quais acabaram em coleções ocidentais), mas até há pouco tempo não era reconhecido, uma vez que seus terraços de pedra, erodidos e desmoronados, eram confundidos com seções de um dos primeiros sistemas da Grande Muralha que atravessam a região. Situado em uma cordilheira no planalto de Loess, com vista para o rio Tuwei, próximo à fronteira com a Mongólia Interior, o local tem três anexos – o externo, com quase cinco quilômetros de circuito de torres de vigia e portões, e outro com uma barbacá elaborada. Dominando o local está uma colina piramidal cercada por onze terraços construídos por homens, que à distância se assemelham aos terraços de cultivo das ilhas Cíclades da Grécia. Nas paredes de contenção que cercam o local, foram colocadas placas de jade entre as pedras, e crânios de humanos sacrificados foram enterrados em pontos estratégicos, aparentemente para imbuir as paredes com poder sagrado. Os revestimentos de pedra dos terraços eram fixados com blocos que tinham rostos ou símbolos oculares esculpidos e remetiam às decorações em estupas das culturas tibetana e nepalesa, que evidentemente tinham a intenção de oferecer proteção mágica. No topo da colina, reforçada com contrafortes de pedra, havia uma plataforma de taipa com vestígios de pilares de madeira que possivelmente sustentaram edifícios palacianos. Construída por volta de 2300 a.C., essa cidadela interna de construção maciça com mais de setenta metros de altura ainda é conhecida pelos fazendeiros locais no vale de Tuwei como a “Cidade Real”, uma tradição oral transmitida por mais de 3.500 anos depois que o local foi abandonado.

A “monumentalidade impressionante” do complexo, tal como descrito pelos escavadores, não tem paralelo na arqueologia chinesa primitiva. Com quatrocentos hectares de extensão, Shimao era política e economicamente o centro mais importante da China, atingindo o seu auge em 2000 a.C., quando o local foi ampliado com um segundo muro externo. Nessa época, os escavadores conjecturam, era o centro de um território de quase 250 quilômetros de largura, controlando 3 mil ou 4 mil assentamentos menores. Devido à exploração de metal e jade, Shimao fazia parte também de uma ampla rede comercial de matérias-primas e pedras preciosas. Mas em seu cerne há um enigma. Shimao está longe da planície do rio Amarelo, onde a narrativa tradicional da civilização chinesa diz que surgiram as primeiras dinastias. Assim, essas descobertas espetaculares, que só foram anunciadas em um resumo provisório em 2014 e ainda não foram totalmente publicadas, põem em xeque a ideia há muito aceita de que a civilização chinesa se espalhou das planícies centrais do rio Amarelo para outras regiões. O que temos aqui é uma perspectiva nova e surpreendente de que o primeiro Estado da China primitiva pode não ter surgido nas planícies, mas sim naqueles que muitas vezes são vistos como os planaltos “bárbaros”. Mesmo alguns dos principais símbolos culturais que se tornaram tão importantes durante a Idade do Bronze nas planícies parecem ter surgido aqui – até mesmo o mais importante deles, o cetro de jade, que mais tarde se tornou o grande símbolo da realeza, pode ter sido inventado aqui em Shimao. Mas o que este Estado desconhecido era, e qual era a sua relação com a “China” posterior, ainda é impossível dizer.

A plataforma astronômica Taosi: observando os céus

Assim, o surgimento da civilização na China pode ser o produto de uma interação entre a planície do rio Amarelo e diversas culturas pré-históricas periféricas, entre as quais estavam os “bárbaros” do planalto que criaram a extraordinária cultura de Shimao. No entanto, a reação em cadeia de ideias e poder político que originou a civilização chinesa se deu na planície do rio Amarelo depois de 2000 a.C. A narrativa da história chinesa foi criada lá, e, para saber como isso aconteceu, devemos ir para uma segunda descoberta seminal na aldeia de Taosi, em Shanxi. Esta é talvez a descoberta

arqueológica chinesa mais importante do século atual. O local fica 160 quilômetros ao norte do rio Amarelo, aos pés das colinas a noroeste de Luoyang, logo acima das planícies. Escavada desde os anos 1980, era a maior cidade murada conhecida da China pré-histórica até a descoberta de Shimao. Trata-se de uma área de ocupação muito grande, localizada em uma elevação natural, com um terraço menor em seu interior, semelhante a uma planície verde que é cortada por um afluente do baixo Rio Fen. O local foi ocupado entre 2500 e 1900 a.C., quando foi violentamente destruído; ou seja, foi extinto na época em que as tradições escritas afirmam ter sido o início da primeira dinastia chinesa, a Xia. Consistia em um enorme anexo de barro com paredes externas de mais de um quilômetro quadrado. Foi de longe a maior cidade do terceiro milênio a.C. nas planícies do rio Amarelo, e é difícil evitar a ideia de que era um importante centro do governo real, mas, sem registros escritos, ainda não é possível dizer quem foram seus governantes.

A sequência de edifícios em Taosi engloba um período de quinhentos anos, com evidências de trabalho em metal e produção artesanal; os cemitérios escavados continham mais de 10 mil restos humanos. Os arqueólogos também detectaram evidências claras de estratificação social, com um quarto da população habitando residências de elite e palácios. No cemitério havia uma área para sepulturas de classe superior, com túmulos de madeira pintada, o que pode ter sido um cemitério para a realeza; uma tumba, embora saqueada, continha túmulos de jade, cerâmicas pintadas e vasos envernizados. Com base nesses achados, a impressão dos escavadores foi de que mais de 90% da riqueza estavam concentrados em uma pequena elite que representava menos de 10% da população.

O coração do local tinha uma característica, descoberta em 2004, que causou enorme agitação entre historiadores e arqueólogos. Em um morro elevado havia uma plataforma circular de cerca de cinquenta metros de diâmetro, com três degraus ou níveis, com uma leve semelhança com os altares circulares abertos que foram construídos em tempos posteriores, como o de Xi'an da dinastia Sui (século VI d.C.) ou o Altar do Céu Ming descrito no prólogo. Treze pilares dispostos ao redor do arco sudeste do círculo proporcionavam linhas de visão convergentes em um ponto de observação no centro. Um poste de madeira pintado de vermelho com mais de dois metros de altura provavelmente foi usado como um gnômon

– espécie de relógio solar que media o comprimento da sombra no solstício de verão. Os arqueólogos foram capazes de provar que a plataforma havia sido utilizada para determinar a duração do ano solar. Testes mostraram que os arquitetos da plataforma tinham criado as linhas de visão, através das doze fendas entre os treze pilares sólidos, para se alinharem com os pontos de referência no horizonte, onde o sol nasceria em datas específicas. Dessa forma, eles puderam estabelecer a correlação entre os meses lunares e o ano solar e criar um calendário lunar e solar com o décimo terceiro mês extra inserido nos ciclos do ano.

O Taosi é um dos primeiros observatórios confirmados pela arqueologia, se não o mais antigo – o complexo Stonehenge na Grã-Bretanha é mais antigo e foi evidentemente utilizado para fins observacionais em rituais de solstício, mas essa não era sua função principal. De fato, é possível que o altar de Taosi tenha sido visto como o ponto central do primeiro *zhongguo*: o “Estado central” original. Após a destruição de Taosi, a ideia do *axis mundi*, o eixo central, foi transferida pelos sucessores para a região de Luoyang, onde perdurou através da história e ainda hoje sobrevive na crença popular no campo perto de Dengfeng, abaixo da montanha sagrada Songshan.

“Desde que o povo existe”, escreveu Sima Qian, o grande historiador Han, cerca de 100 a.C., “os governantes têm observado os movimentos do sol, da lua, das estrelas e de suas constelações”.¹³ Agora esses novos achados mostram que os antigos sacerdotes chineses de Taosi eram observadores do céu e astrônomos, que observavam o nascer do sol e os planetas já em 2100 a.C. Muitos estudiosos já haviam argumentado que aspectos significativos da civilização primitiva chinesa, incluindo noções como o Mandato do Céu, estavam ligados a ideias astronômicas, notadamente a série de conjunções dos Cinco Planetas, que os antigos acreditavam ter previsto a ascensão e queda das primeiras dinastias, começando com a Xia em fevereiro de 1953 a.C. Essa talvez seja a primeira evidência concreta.

Taosi foi o centro de um reino pré-dinástico onde avanços cruciais na observação dos céus foram feitos, deixando às gerações posteriores uma das ideias fundamentais da civilização chinesa que durou até o final do império no século XX. Na verdade, Taosi está a apenas alguns quilômetros do antigo local de Pingyang, que é frequentemente identificado como a mítica capital Youtang, lar de um dos lendários fundadores, o

imperador Yao. Histórias fragmentadas em registros posteriores, incluindo os chamados *Registros dos cinco reis* no *Shiji* de Sima Qian, contam como Yao “designou oficiais astrônomos para observar o nascer e o pôr do sol, as estrelas e os planetas, para fazer um calendário solar e lunar com 366 dias e também calcular o mês bissexto”. A coincidência do mito e da arqueologia é, no mínimo, muito marcante.

Taosi foi destruído por volta de 1900 a.C., e sua última fase foi marcada pela agitação política. Os muros maciços de barro foram violados, os palácios e o altar estatais, nivelados, e a população, massacrada. Cinquenta esqueletos foram encontrados espartilhados na área do palácio, os cadáveres no cemitério real foram removidos de seus túmulos e um enorme buraco foi cavado no topo do monte de observação, como se fosse para destruir seu enorme poder. Foi, portanto, uma destruição completa, e os arqueólogos imaginam que ela tenha sido perpetrada por pessoas de Shimao, que haviam espalhado seu poder pela planície do rio Amarelo ao redor de Luoyang, introduzindo seu próprio ritual e tradições artesanais e o crucial cetro de jade *zhang*, que posteriormente se tornaria um símbolo central da autoridade religiosa e política na China.

A data desses eventos, por volta de 1900 a.C., corresponde à data tradicional atribuída ao início da primeira dinastia da China, que os historiadores chamavam de Xia, mas não existem fontes escritas que nos ajudem a ter mais clareza sobre esses eventos, e muitos estudiosos ainda duvidam até mesmo da existência da Xia. Entretanto, aqui talvez o mito possa nos ajudar novamente, pois, de acordo com histórias posteriores, o fundador da Xia foi um dos reis lendários mais famosos da China, que, segundo uma célebre história, chegou ao poder após uma catástrofe ecológica, quando ele canalizou a enchente e ordenou a sociedade: o rei Yu, o Grande.¹⁴

No rastro do rei Yu

Deixando a antiga cidade murada de Kaifeng, em Henan, pelo portão sul, uma caminhada de pouco mais de um quilômetro conduz o visitante pela estação ferroviária através de uma confusão de becos, fábricas e oficinas de reparos de carros, até chegar aos pátios arborizados de um enorme templo de tijolos do século X, construído na época em que

Kaifeng era a capital da Song e a maior cidade do mundo. Além dessa estrutura, em um parque de bosques e riachos, há um lugar chamado Yuwang Tai, a plataforma do rei Yu, um terraço coberto por pinheiros e por um conjunto de templos. Arruinado na Revolução Cultural, o local foi recentemente restaurado e abriga um pequeno festival local de primavera nos seus jardins. O templo é dedicado ao rei Yu, o Grande – “aquele que controlava a enchente”. A lenda diz que Yu parou aqui para coordenar a população local para a construção do terraço acima da planície de inundação. Dos jardins, uma escada de pedra leva aos pátios isolados do templo de Yu, construído na dinastia Ming em 1517, após outra inundação do rio Amarelo. Um lugar encantador e pouco visitado, é especialmente aconchegante quando chove, enquanto os trovões ecoam no pátio interno e as árvores são enroladas com tiras de tecido escarlate deixadas como oferendas pelos habitantes locais. No santuário do salão principal, está o rei Yu sentado em seu trono, vestindo uma túnica de dragão amarela e segurando uma tábua de jade verde – um presente cerimonial da divindade suprema para marcar seu trabalho de tornar o mundo apto para a vida humana.

O zelador interrompe seu jogo de *mahjong* para contar a lenda do santuário. Na grande enchente, ele começa, o terraço em que estamos foi construído por Yu e dois ajudantes sobrenaturais, “o Dragão Amarelo, que usou sua longa e poderosa cauda para criar canais de água, e a Tartaruga Negra, que empurrou a lama do rio com suas enormes barbatanas para construir os diques”.

Yu trabalhou com seu pai durante nove anos, reconstruindo os diques e barragens, canalizando o rio Amarelo. Então Yu continuou o trabalho por mais treze anos até que suas mãos e pés ficaram cobertos de calos. Embora fosse recém-casado, em três ocasiões em que passou por sua própria porta, ele não entrou em casa. O povo ainda estava sofrendo, por isso ele não podia descansar. No final, o rei ficou tão impressionado com a diligência e o esforço de Yu que passou o trono para ele e não para o próprio filho, sabendo que Yu conhecia cada parte da terra graças a seu trabalho incansável para proteger o país do dilúvio. Yu aceitou e dividiu a terra em nove províncias, e, com o tributo de bronze de cada uma delas, ele fez nove caldeirões de

tripé *ding*, os quais foram colocados em um templo a oeste daqui, em sua capital Dengfeng, sob a montanha sagrada de Songshan. Chamamos esse lugar de Centro do Céu e da Terra. Após a morte de Yu, seu filho se tornou o primeiro rei da primeira dinastia.

Dos muitos mitos da China sobre heróis sobre-humanos da cultura pré-histórica, este se preocupa acima de tudo com a fundação do Estado. Os moldes dos famosos nove caldeirões *ding*, destinados à preparação ritualística de alimentos durante as celebrações para os antepassados e as divindades, foram transmitidos pelas primeiras dinastias. Foco das interações sociais no salão real, eles eram símbolos de legitimidade e, como as gerações posteriores acreditavam, o sinal de que detinham a posse do Mandato do Céu.

Até recentemente, acreditava-se que a lenda de Yu era apenas uma fábula tardia. Mas as novas descobertas em textos, artefatos de bronze e arqueologia sugerem que a história é muito antiga. A recente descoberta de uma terrina de bronze¹⁵ datada do século IX a.C., com uma inscrição que descreve os feitos de Yu de maneira tão semelhante aos textos mais recentes sobre ele, em *O livro de documentos*,¹⁶ prova que a história canônica era bem conhecida no início do primeiro milênio a.C. É sem dúvida um conto da Idade do Bronze.

A história assume muitas formas, mas em todas elas o início da sociedade organizada está diretamente ligado ao sucesso de Yu na dragagem de canais e no estabelecimento de comunidades na planície superior.¹⁷ Os próprios símbolos da governança, “quepe e traje formal para governantes”, remontam ao rei Yu. Em todas as versões do conto, após ter estudado a terra e criado as nove províncias (a frase se tornará uma nomenclatura tradicional para a China), ele criou um sistema de tributos. Cada região foi chamada de *zhou* (um território limitado por fronteiras de água, geralmente rios) e recebeu uma lista com a descrição do tributo de cada uma, bem como das vias fluviais ou terrestres pelas quais o tributo seria levado ao rei. Embora escrito muito tempo depois da Idade do Bronze, o texto nos oferece um vislumbre dos produtos da cultura pré-histórica das planícies do rio Amarelo: peles, couros, penas, cestos tecidos em padrões de conchas, presas de elefantes, pedras de afiar e cinábrio, pedras para fazer pontas de flechas e bambu para as hastes, “e a grande tartaruga do rio, quando é especialmente solicitada (e pode ser encontrada)”.

Antigamente, a jornada de Yu pela China era celebrada em rituais de dança. Há quase um século, o sinólogo e antropólogo francês Marcel Granet¹⁸ sugeriu que o texto arcaico em homenagem a Yu teve origem em um relato poético transmitido oralmente, que celebrava os feitos do Grande Yu e acompanhava uma dança ritual realizada na época do festival. A apresentação conjurava as rotas de Yu pelo país, enquanto os movimentos dos dançarinos imitavam o que se chamava de “a marcha de Yu”, arrasando uma perna como se estivesse paralisada (dizia-se que Yu era manco). Semelhantes às danças mímicas xamânicas descritas nos primeiros textos taoistas, essas danças já eram arcaicas no século XI a.C. quando foram registradas pela primeira vez.

Portanto, a história certamente provém da Idade do Bronze. O conto de Yu foi narrado em um ritual que encenava um circuito pelas terras das nove províncias, ligado a caminhos de longa distância já existentes de oferendas e peregrinação, e que cruzava seus próprios rastros no desfileiro de Longmen, o lugar que a lenda diz ter sido cortado por Yu para canalizar o rio, e que ainda hoje é conhecido como “Portal de Yu”. O que foi transmitido então não era um fato histórico, mas uma memória cultural do processo de formação inicial do Estado. Transmitido oralmente por muitos séculos antes de ser finalmente registrado por escrito, o relato tornou-se o cenário mítico dos contos das primeiras dinastias, um modelo para a concepção da China “original”: a primeira grande história da China.

Uma grande inundação?

Então, segundo essa hipótese, o mundo imaginado a partir dos rastros de Yu tornou-se a narrativa cultural compartilhada pelos primeiros Estados da China. Reformulado, reeditado e reescrito na Idade do Ferro, tornou-se o mito fundador: “Como são belos os feitos de Yu! De grande alcance são os efeitos de sua brilhante virtude. Se não fosse por Yu, teríamos nos tornado peixes”,¹⁹ lia-se em um texto do século VI a.C.; “Grandes e ilustres foram meus augustos ancestrais, que receberam o Mandato do Céu e se estabeleceram nas rotas de Yu”. A partir de então, a planície central (*zhongguo*) se tornou o palco da história da China.

Mas poderia a memória de uma verdadeira catástrofe ambiental estar por trás do mito? Muito recentemente, e de forma totalmente inesperada, a arqueologia nos forneceu evidências de eventos reais que podem estar parcialmente representados nesses mitos fundadores posteriores. Em 2016, uma equipe de geólogos, geomorfologistas e arqueólogos identificou uma grande inundação do rio Amarelo no desfiladeiro Jishi,²⁰ na província de Qinghai, a mais de 1.600 quilômetros rio acima do ponto onde o rio entra na planície. Aqui, o rio serpenteia por imensos cânions abaixo de altos pináculos de rocha vermelha. No desfiladeiro, eles descobriram vestígios de um terremoto na pré-história que causou um enorme deslizamento de terra em um local onde o rio faz uma curva acentuada ao serpentejar pelos desfiladeiros. Aqui, a partir de bancos de sedimentos ainda conservados, acumulados nas margens do desfiladeiro, os cientistas conseguiram mapear os depósitos de deslocamentos de terra e identificar uma enorme e ainda visível marca de deslizamento. Bloqueadas a uma altura de talvez 240 metros, as águas se acumularam durante seis a nove meses antes de romperem no que eles chamaram de “uma das maiores inundações de água doce do Holoceno”. A enchente, estima-se, foi sentida mais de 2 mil quilômetros rio abaixo, rompendo os diques naturais, destruindo comunidades agrícolas neolíticas e causando uma grande mudança no curso do rio Amarelo nas planícies.²¹ Uma data aproximada vem de habitações em cavernas logo abaixo do bloqueio na vila de Lajia, que foi inicialmente destruída pelo terremoto e um ano depois inundada e selada pela enchente. Amostras de carbono²² dos destroços e amostras de ossos das vítimas revelaram uma data de 1922 a.C., mais ou menos 28 anos.

Claro, histórias de desastres de enchentes estão presentes em muitas tradições – na Mesopotâmia, na Bíblia e na Grécia Antiga. A lenda de Yu não precisa ter sido inspirada por um evento real, mas tais catástrofes na história chinesa estão bem documentadas em tempos posteriores (por exemplo, o desastre de 1048, detalhado no capítulo 10). Se uma inundação desse tipo tivesse realmente acontecido, ela provavelmente teria sobrevivido na memória coletiva ao longo dos séculos, e é fascinante que os primeiros textos, como o *Shujing* e o *Shiji*, que associam a ascensão da primeira dinastia com o trabalho bem-sucedido de dragagem do rei Yu após a inundação, afirmem que ela começou em um lugar chamado Jishi, o nome do desfiladeiro onde os cientistas acreditam que o dilúvio histórico começou.

Enquanto a evidência aguarda publicação completa, o que podemos dizer por enquanto é que uma série de crises ecológicas entre 2300 e 1900 a.C., incluindo talvez uma grande inundação do rio Amarelo, parece coincidir com mudanças políticas dramáticas na planície central. Uma reconfiguração da sociedade de Longshan ocorreu, o que levou ao surgimento da primeira dinastia na bacia de Luoyang, onde elementos dessas diferentes culturas regionais se combinaram para criar a primeira monarquia, anterior a todas as dinastias chinesas posteriores.

A primeira dinastia: a Xia

Histórias escritas posteriormente dizem que o primeiro rei da primeira dinastia era o filho de Yu, cujo nome era Qi (“Revelação”), e a data corresponde aproximadamente a 1900 a.C. no calendário moderno. Dados astronômicos sugerem uma data por volta de 1914 a.C., seguindo a Conjunção dos Cinco Planetas de 1953 a.C., enquanto a arqueologia e os achados do desfiladeiro Jishi Gorge, como vimos, sugerem uma data por volta de 1900 a.C. Embora todas sejam estimativas, essas datas convergem de forma notável. Vinte e nove reis Xia são nomeados pelo historiador Sima Qian, que, escrevendo em cerca de 100 a.C., tinha assiduamente reunido as primeiras tradições escritas e orais. Muitas vezes foi afirmado que sua lista de reis é pura invenção, mas ele provou ser extremamente preciso nos nomes e na ordem dos reis posteriores da Idade do Bronze da dinastia Shang, e talvez ele também estivesse certo aqui.

A tradição dizia que o centro do reino de Xia ficava na planície próxima à confluência do rio Amarelo e do rio Luo na “Terra Central” original, a região de Luoyang, onde várias capitais posteriores se encontravam no sopé de Songshan, o pico central das cinco montanhas sagradas da China. Seguindo o relato de Sima, os arqueólogos nos anos 1950 foram procurar fora de Luoyang, nos campos de trigo amarelo perto da vila de Erlitou.²³ Aqui, como tantas vezes na China, as tradições locais se agarraram ao lugar; os habitantes locais disseram que era “o lugar mais antigo da China”, a sede do lendário Imperador Amarelo. A escavação aqui começou em 1959, mas as principais escavações aconteceram durante os anos 1970 e 1980 e ainda continuam. Dois grandes recintos murados foram descobertos com locais

de fundição em bronze e pavilhões de pilares construídos sobre plataformas de terra batida, os ancestrais da arquitetura mais vista na Cidade Proibida.²⁴ Havia até mesmo um portal triplo que parecia antecipar o estilo imperial posterior. Os arqueólogos também descobriram um mausoléu rico e encantador, separado do resto, com um cetro de turquesa na forma de um dragão – o símbolo da realeza chinesa desde então. Alguns especulavam que era o túmulo de um fundador dinástico, mas até o momento nenhuma evidência surgiu da escavação em Erlitou de um Estado unitário, nem que fosse chamado de Xia. E embora houvesse algumas marcas sugestivas na cerâmica, não há sinal de um sistema organizado de escrita. O que ficou claro, porém, é que essas primeiras “cidades” não eram o local de residência da população em geral; elas eram recintos de poder real e ritual, contendo palácios, depósitos e oficinas onde os artesãos produziam embarcações rituais e armas de guerra. Uma descoberta fundamental dessa e de outras escavações na planície é que a transformação da Idade do Bronze na China, o surgimento da civilização, não ocorreu, como no Iraque e no Oriente Próximo, devido a avanços tecnológicos repentinos ou grandes mudanças sociais. O desenvolvimento do poder centralizado foi político e baseado em uma cosmologia profundamente enraizada que duraria até o século XX. Todas as grandes civilizações antigas – Antigo Egito, Iraque, Índia – têm mitos de origem, histórias de fundação sobre a época e o lugar em que a sociedade política foi estabelecida pela primeira vez. E talvez isso tenha acontecido nesse lugar na China, bem no centro da “Planície do Meio” da “Terra do Meio”. Foi a partir desse núcleo arcaico que as ideias profundas sobre a sociedade chinesa e o governo se espalharam por terras cada vez mais amplas durante 3.500 anos.

Anyang: o Shang

Por volta de 1550 a.C., os Xia foram conquistados por um povo vizinho que se autodenominava Shang,²⁵ a segunda dinastia, e uma das mais importantes na história da China, que influenciou profundamente a forma do Estado primitivo ao longo de seus quinhentos anos de existência. A terra natal de Shang ficava mais abaixo na planície do rio Amarelo, a leste, e a história de sua descoberta é a mais emocionante da arqueologia chinesa.